



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do encontro com o Presidente Néstor Kirchner

Palácio do Governo – Buenos Aires - Argentina, 16 de outubro de 2003

Meu caro irmão, companheiro e presidente Nestor Kirchner, Presidente da nação argentina,

Meu caro dr. Rafael Bielsa, ministro de Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto,

Meu caro amigo Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,

Meus amigos e amigas, ministros e ministras do Brasil,

Meus amigos ministros e ministras da nação argentina.

Eu já vim muitas vezes a Buenos Aires – cinco vezes. Três como Presidente, porque, quando eu vim aqui no dia 10, logo depois das eleições, já estava eleito, e duas como sindicalista.

Fiquei pensando porque hoje eu estou mais emocionado do que as outras vezes que eu vim à Argentina. Porque duas vezes, como sindicalista, fiz passeata junto com as mães da Praça de Maio, exigindo justiça, num tempo em que as mães da Praça de Maio não eram nem recebidas.

Eu ficava lá de fora, olhando para este Palácio e ficava pensando: será que um dia eu vou conseguir entrar aí dentro? E consigo, hoje, vir ao Palácio do Governo argentino, para respirar um pouco o ar da democracia que toma conta deste país; para poder sentir nos olhos de homens e mulheres a alegria pela conquista da esperança, da auto-estima e pela conquista de ter o direito de sonhar com uma Argentina livre, democrática, soberana, uma Argentina com muita paz e com muitas conquistas no campo social. E, mais ainda: sonhar com a integração política, econômica, comercial, cultural, científica entre nossos dois países.



Eu, na verdade, nunca entendi porque em alguns momentos históricos as relações entre Brasil e Argentina estremeceram. Se fosse apenas no futebol, eu entenderia. Mas na política, na economia e no comércio não há nenhuma razão para que Argentina e Brasil não sejam um modelo de sucesso para o resto do mundo.

Além de termos fronteira, além de termos recebido de Deus o privilégio de sermos parceiros lá em Foz do Iguaçu, nas cataratas divididas pela natureza entre Brasil e Argentina e, se recebemos da natureza aquela dádiva dada por Deus, isso significa que, do ponto de vista político, os homens e as mulheres da Argentina terão menos sacrifício e menos esforço de fazer a integração que a natureza já fez entre os dois países.

Os documentos que assinamos hoje são a mais viva demonstração da disposição do presidente Kirchner e da minha disposição de dizermos, de uma vez por todas, que os interesses estratégicos dos dois países e o futuro das novas gerações merecem de nós todo e qualquer sacrifício para que possamos plantar, hoje, a árvore que dará os frutos que eles colherão num futuro muito próximo.

Quero dizer ao presidente Kirchner que essa integração de corpo e alma, respeitando a soberania de cada país, é vista por mim como uma das principais coisas que podem acontecer nos meus quatro anos de mandato. Mais feliz eu fico quando sei que não é uma posição pessoal. É uma posição de cada ministro que aqui está e de cada ministro que aqui não veio. É uma posição de cada brasileiro e brasileira que tem dimensão da importância da geopolítica para o desenvolvimento que nós queremos para o nosso continente.

Graças a Deus, a América do Sul tem eleito alguns dirigentes que podem contribuir de forma decisiva para que – sem deixar de ter as nossas relações habituais com todos os países do mundo – possamos criar entre nós uma relação muito mais forte, porque, com os outros, nós temos relações



comerciais, relações culturais mas, entre nós, estamos ligados como uma criança está ligada à mãe pelo cordão umbilical.

A natureza nos uniu, permitiu que estivéssemos muito próximos um do outro. E, agora, a nossa tarefa, presidente Kirchner, é muito mais fácil. É ter a compreensão do que é importante para a Argentina e do que é importante para o Brasil, o que os dois países ganharão com cada passo que dermos daqui para a frente.

Por isso, os acordos firmados aqui, hoje, demonstram que a integração da Argentina e do Brasil, a integração da América do Sul, a integração da América Latina e a nossa participação conjunta em todos os fóruns multilaterais não é mais uma promessa, não é mais um discurso retórico, mas será uma ação cotidiana de cada argentino e de cada brasileiro, de cada argentina e de cada brasileira, porque, se nós não enxergarmos assim as nossas relações, estaremos muito mais fragilizados nas relações com outras forças políticas do mundo.

Certamente, haverá sempre alguém que entende que não é bom para o Brasil essa relação com a Argentina ou que não será boa para a Argentina essa relação com o Brasil. Mas o presidente Kirchner e eu não temos que nos preocupar com coisas menores. Temos que nos preocupar com a tarefa incomensurável de recuperar a cidadania para milhões e milhões de homens, mulheres e crianças do Brasil e da Argentina que, hoje, passam fome. Nós temos que nos preocupar com milhões de argentinos e argentinas, e com homens e mulheres brasileiros aos milhões que precisam de um emprego que não têm.

Nós precisamos convencer os nossos empresários de que os empresários brasileiros podem e devem investir mais na Argentina, e que os empresários argentinos podem e devem investir mais no Brasil. A troca que possamos fazer de conhecimento científico e tecnológico entre nós, entre as nossas universidades, poderá ir consolidando uma relação que jamais existiu



entre Argentina e Brasil.

Eu, particularmente, acredito que Argentina e Brasil têm um papel de tamanha responsabilidade no sucesso do Mercosul, de tamanha responsabilidade na integração da América do Sul e têm um papel tão importante nas futuras conquistas junto aos organismos multilaterais, sobretudo na Alca e na OMC, que não nos será dado o direito de estarmos separados nesta caminhada que temos que fazer.

Eu quero dizer ao presidente Kirchner que venho à Argentina, com parte dos meus ministros, para dizer a Vossa Excelência que aprendi, na minha vida política, a utilizar uma frase com alguns companheiros, porque nem todos nós utilizamos essa frase. Quando queria afirmar a minha relação com uma pessoa de quem eu gostava e confiava, eu costumava dizer nas minhas assembleias: nem todo irmão é um companheiro, mas todo companheiro será um grande irmão.

Quero que você saiba, presidente Kirchner, que tenho em você um parceiro e, mais do que parceiro, um irmão e, mais do que um irmão, um companheiro, para que possamos fazer o nosso povo andar de cabeça erguida e merecer do restante do mundo o respeito a que temos direito.

Muito obrigado.